

## O LUGAR DO CORPO E DA REALIDADE NA ESTRUTURAÇÃO DO SUJEITO

Renata Wirthmann G. Ferreira  
(UFG – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fundamental investigar como, de um corpo, advém um sujeito. Para tal objetivo pretende-se percorrer, desde o nascimento, todo o percurso para que tal corpo se estruture como sujeito. O ponto de chegada do presente artigo será a compreensão de quais são e como ocorrem as estruturas clínicas, em especial a neurose e a psicose e a relação destas com a realidade.

*Palavras-chave:* Édipo; castração; neurose; psicose e realidade.

### Abstract

#### The Place of the Body and Reality in the Structuring of the Subject

The present work has as fundamental objective to investigate how, of a body, a subject comes. For this purpose it is intended to traverse, from birth, the entire course for such a body to be structured as a subject. The point of arrival of this article will be the understanding of what are and how the clinical structures, especially neurosis and psychosis and their relation to reality, occur.

*Keywords:* Oedipus, castration, neurosis, psychosis and reality.

#### 1. Instauração da Mãe como Primeiro Objeto de Amor

A criança chega ao mundo como uma “libra de carne” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 242) e é a partir dessa “libra de carne”, desse corpo, que a criança se tornará sujeito embora, ao nascer, a criança não reconheça sua existência ou a deste corpo. Assim, para a psicanálise, podemos

afirmar que o desenvolvimento psicosssexual de meninos e de meninas inicia-se do mesmo modo, pois não há, para nenhum dos dois, o reconhecimento de qualquer elemento de diferenciação entre eles, entre seus corpos.

Esse é o ponto de partida para a estruturação do sujeito, com esse corpo, com essa “libra de carne”, meninos e meninas, se relacionarão de maneira

semelhante com seus primeiros objetos no mundo. Neste primeiro contato com o mundo a mãe aparece num lugar privilegiado, justamente pela proximidade com esse corpo, por ter se colocado na posição de causar as primeiras sensações no corpo da criança, graças, por exemplo, aos cuidados de higiene, afeto e nutrição. Esse lugar privilegiado Freud nomeará como objeto de amor.

Essas primeiras experiências são inicialmente, para criança, passivas, e responsáveis por grandes satisfações. A repetição cotidiana dessas experiências, durante o processo de desenvolvimento, leva a criança a perceber, pouco a pouco, a existência do seu próprio corpo que conduz a criança, progressivamente, a uma revolta inequívoca contra essa passividade. Desse modo, quanto mais a criança se apropria do seu corpo mais ela se depara com a ambivalência de, por um lado, desfrutar dessas satisfações advindas da passividade e, por outro, de se esforçar para transformá-las em atividade, com o objetivo de se relacionar com sua mãe numa posição ativa, de vir a amar a mãe (Freud, 1931/1996, p. 244).

Portanto, nessa primeira fase do desenvolvimento, chamada por Freud de fase pré-ediípica, a criança, menino ou menina, toma a mãe como seu primeiro objeto de amor, e tem, para com ela, o

objetivo amoroso voltado para o lado ativo, amar. O objeto de identificação da criança, nessa primeira fase do desenvolvimento, não está completamente constituído e podemos dizer que é e não é o pai, que, por não estar necessariamente presente para a criança, é tomado apenas como um “rival incômodo” (Freud, 1933/1996, p. 120). Sua presença será, vez por outra, notada como a de alguém que incomoda a relação de exclusividade que a criança quer ter com a mãe. Prova dessa negligência ao pai e dessa exclusividade à mãe pode ser confirmada nas brincadeiras da menina com bonecas, quando estão presentes apenas dois personagens, mãe e filha.

Lacan (1956-1957/1995), por sua vez, afirma que, durante essa primeira fase do desenvolvimento sexual infantil, parece não haver qualquer necessidade do pai, uma vez que a mãe é perfeitamente capaz de mostrar ao filho o quanto é insuficiente aquilo que ele lhe oferece. Porquanto, nessa hora, a mãe é quem proíbe o amor incestuoso. Mesmo assim, tem-se, durante essa fase, a presença da instância paterna – velada, é verdade, mas, de alguma forma, existente. Lacan denomina essa primeira proibição dada pela mãe de antecipação da lei – a lei já existe, velada tal como presença do pai – transmitida à criança pela mãe segundo seus caprichos e desejos.

Eis a incidência da linguagem sobre o corpo. A antecipação da lei estabelece os limites do corpo dando a este significado.

O objeto materno, agora atravessado pela linguagem, começa a ser reconhecido pela criança de forma alternada. Ora ele é mais, ora é menos; ora é ausência, ora é presença. E é daí, dessa alternância, que se origina a condição fundamental para o nascimento de uma ordem simbólica. O apelo que a criança faz, reclamando a presença da mãe, indica o começo da instalação da ordem simbólica na articulação que a criança faz frente a presença-ausência da mãe. Assim a mãe é chamada quando ausente e rejeitada quando presente, mediante uma vocalização. É neste momento, com a participação da linguagem, que a mãe se transforma no primeiro Outro da criança, o que permitirá a esta criança vir a se constituir como sujeito.

Portanto, à medida que a criança se depara com a presença-ausência da mãe, ela descobre que não tem controle sobre os movimentos de ir e vir da mãe. Em algum momento, a criança vai chamar e a mãe não virá. Ela passa a responder ao chamado da criança de acordo com seu próprio critério. Ao mesmo tempo, todos os objetos que representavam para a criança objetos de satisfação, tornam-se parte dessa potência materna: são, agora, objetos de dom devido à onipotência da

mãe. A criança começa, conseqüentemente, a experimentar, também, alternâncias de afeto, afinal, o capricho da mãe produzirá na criança experiências insatisfatórias mescladas àquelas experiências de satisfação, todas advindas da mesma relação da criança com a mãe, com o Outro.

Portanto, a mãe, nesta primeira etapa, é tanto o Outro com o qual a criança experimenta suas primeiras simbolizações e que promove a antecipação da lei.

É a mãe que vai e que vem. É por eu ser um serzinho já tomado pelo simbólico, e por haver aprendido a simbolizar, que podem dizer que ela vai e que ela vem. Eu sinto ou não sinto, o mundo varia com sua chegada e pode desaparecer (Lacan, 1957-1958/1999, pp.180 e 181).

Nesse primeiro momento, a criança é o objeto parcial e se pergunta o que querem dizer as idas e vindas da mãe. Se a mãe vai e vem caprichosamente, é porque, do ponto de vista do filho, ela deseja algo para além dele. Logo esse ir e vir deixará claro para a criança que ela não satisfaz completamente a mãe, que ela não é o único objeto de desejo da mãe, ela não é o falo. Portanto, essas caprichosas idas e vindas representam o falo – aquilo que a mãe não tem e deseja ter – e a criança passa, então, a desejar ser o falo da mãe.

Esse “é o desejo do desejo da mãe” (Lacan, 1957-1958/1999, p.188), um desejo que se estabelece na relação da criança com o falo e que instaura a tríade imaginária: mãe – criança – falo.

Nessa primeira etapa do desenvolvimento a criança está *assujeitada* ao capricho da mãe, é um *assujeito* que busca ser o falo da mãe para então poder satisfazer o desejo dela. “Trata-se de *assujeito* porque, a princípio, ela [a criança] se experimenta e se sente como profundamente *assujeitada* ao capricho daquele de quem depende” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 195).

Assim, nesse momento a criança é dependente e está dominada, subordinada aos desejos e aos caprichos de sua mãe justamente por que ainda não se constituiu como sujeito. É *assujeito* tanto porque está sujeita, no sentido de estar submetida, quanto é *assujeito* porque não se encontra completamente inserida no mundo simbólico, não está submetida a uma Outra Lei, mas à lei da mãe.

Essa etapa do desenvolvimento foi denominada, por Freud, de fase pré-edipiana por fazer referência ao nome da fase que lhe segue, o Édipo. E não poderia ser de outra forma, pois será somente depois de ter havido uma organização simbólica, característica do Édipo, que, retroativamente, o pré-édipo ganhará

sentido, sempre a partir da articulação significativa do Édipo.

Devido a essa importância do Édipo, Lacan propôs uma outra denominação que divide todo o desenvolvimento em três fases, ou ainda, em três tempos: primeiro, segundo e terceiro tempos do Édipo. Esses três tempos se relacionam com a intervenção do Nome-do-pai, da fala articulada do pai e, por fim, da lei, considerando que há uma relação do pai com a lei.

O primeiro tempo do Édipo corresponde ao pré-edipo freudiano, em que a criança deseja o desejo da mãe, busca ser esse desejo. Nessa etapa, a metáfora paterna, o Nome-do-pai, age por si só, ou seja, apesar da lei já estar instaurada, a criança só recebe esse discurso da lei a partir da mãe e, para agradá-la é necessário buscar ser o falo.

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai (Lacan, 1957-1958/1999, p. 199).

Tão importante como o segundo tempo, o terceiro tempo marca a saída do Édipo, a relação aqui é com a lei mais do que com o pai. Enquanto no segundo estágio o pai era visto como onipotente, que priva, aqui o pai é potente, ou seja, ele pode dar a mãe o que ela deseja e pode dar porque o possui.

Em resumo, e retomando os três tempos do Édipo, podemos dizer que, no primeiro a instância paterna aparece de forma velada e a questão do falo é colocada através da mãe, esse é o pólo de normalização. No segundo tempo o pai aparece como suporte da lei, já não de um modo velado, mas mediado pela mãe, esse é o pólo da relação do indivíduo com a realidade. Finalmente, no terceiro tempo do Édipo o pai se revela como aquele que tem, o que marca a saída do Complexo de Édipo, a saída favorável é a identificação com o pai, por isso o pólo deste terceiro é o ideal do eu. Este será, portanto, o percurso para que aquela “libra de carne”, aquele corpo, possa vir a se estruturar como sujeito.

## **2. Amar a Mãe, Amor à Falta**

Ainda nessa primeira fase do desenvolvimento a criança dirige à mãe todo seu amor, um amor infantil ilimitado, possessivo e exigente. Lacan aponta que este amor infantil tem a característica de

dom, ou seja, tem o registro de uma relação amorosa marcada pela gratuidade. “O que faz dom é que um sujeito dá alguma coisa de maneira gratuita; na medida em que, por detrás do que ele dá, existe tudo o que lhe falta, é o que o sujeito sacrifica para além daquilo que tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 143). É um amor que espera *nada* em troca, ao mesmo tempo em que tem, como único objetivo amoroso, o amor do objeto amado. O amor da criança por sua mãe é, simultaneamente, possessivo e gratuito, pois a criança ama a mãe acima de tudo e, por isso, deposita na mãe toda a sua falta e todo seu desamparo. O amor infantil da criança à sua mãe é dom a medida que ela oferece à mãe algo que a própria criança não tem.

Lacan (1956-1957/1995) introduz o dom como “fórmula da pura gratuidade” (p.143) no sentido de que o que se quer não é um bem possível, mas um signo de amor, algo que ultrapassa o possível de ser dado: o *nada*. Lacan diz, portanto, que amar não é dar o que se tem e adverte: “nada por nada é o princípio da troca” (p. 143).

Se o amor é uma troca, o que a mãe recebe da criança é o mesmo que ela lhe oferece. A mãe dá à criança objetos de dom, ou seja, aquilo que se dá de forma gratuita, na medida em que, por detrás do que se dá, existe tudo o que lhe falta, “é o que o sujeito sacrifica para além de tudo

que tem” (p.143).

Essa relação entre, de um lado, um amor ilimitado e possessivo e, de outro, o dom como signo de amor, aponta para a grande potência afetiva da relação mãe-criança. O amor é uma demanda de nada, ou seja, é uma demanda de algo que só tem valor como signo. Entretanto a relação da criança com a mãe tem uma particularidade que faz dessa relação algo único: o amor da criança por sua mãe, enquanto objeto, é ilimitado, e, ao mesmo tempo, exige tudo ao invés de nada. E não há demanda de amor maior do que a que exige tudo, que demanda algo que ultrapassa os limites do objeto amado, desejando, não tudo o que aquele objeto tem, mas tudo o que ele não tem. “Não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem” (Lacan, 1956-1957/1995, p.142).

A mãe é fálica, mas a sua grande falta é a do falo. É aí que se localiza o amor da criança por sua mãe. Se a mãe fosse de fato plena, não seria possível amá-la. Não há outra razão para amar a mãe, senão que, talvez, ela não tenha o falo, ao mesmo tempo em que é precisamente isso, o falo que a mãe não tem, que a criança irá sempre demandar da mãe.

Eis a ambivalência afetiva que demarca a singularidade e a potência dessa relação mãe-criança e a importância desta

para que esta criança, inicialmente corpo, depois a-sujeito da mãe, possa vir a ser, numa próxima etapa do desenvolvimento psicosssexual, sujeito.

### 3. Os Efeitos do Édipo sobre o Corpo

Os primeiros contatos da criança com o mundo ocorreram a partir das satisfações que foram sendo produzidas nas diferentes partes do seu corpo, através nas zonas erógenas. A criança conhece o mundo a partir de suas zonas erógenas, primeiro pela boca, depois pelo controle dos esfíncteres até finalmente descobrir uma parte do seu corpo que a levará a fazer a distinção anatômica entre os sexos, entre ter e não ter o pênis.

Essa última fase foi chamada por Freud de fase fálica, terceira fase do desenvolvimento infantil após as fases oral e anal, em que ocorrerá a passagem da pré-história do complexo de Édipo para o Édipo. Quando a criança entra nessa fase – ou no que Lacan denominou como segundo e terceiro tempos do Édipo – ocorre a descoberta da distinção anatômica. Entretanto, a diferença entre meninos e meninas está em ter ou não ter o pênis, e não se reconhece a existência da vagina como órgão sexual.

Durante o segundo tempo do Édipo, a demanda de cada criança

endereçada ao Outro será encaminhada ao pai, “o Outro do Outro” (Lacan, 1957-1958/1999, p.199) – o Outro da mãe. Assim, o pai passa a ser também o Outro da criança. Isso só foi possível porque a mãe, antes, fundou o pai como mediador daquilo que está para além de sua lei e de seu capricho – a Lei como tal. Somente por essa via, o pai passa a ser aceito pela criança como aquele que, no plano imaginário, intervém como privador da mãe e dá suporte à Lei.

Nessa etapa, o objeto de que a mãe depende – o falo – deixa de ser apenas objeto de seu desejo e passa a ser um objeto que o Outro tem ou não tem. O pai “aparece menos velado do que na primeira etapa, mas não é completamente revelado”, ele é mediado (Lacan, 1957-1958/1999, p. 209).

Nesse percurso de a criança se constituir como sujeito esse novo lugar que o pai ocupa como privador tem um papel primordial pois, na medida em que sua proibição incide sobre o desejo da mãe, a criança poderá não se tornar, pura e simplesmente, o desejo desta. Tudo isso acontece de forma transitória e rápida, mas é fundamental para que a criança se encaminhe para o terceiro tempo do Édipo, quando o menino sairá do Complexo de Édipo e a menina entrará neste. Sem a função paterna a criança e a mãe poderiam permanecer longamente fusionadas, o que

colocaria em risco tal percurso daquela libra de carne vir a ser um sujeito.

Chegada, então, a terceira etapa do Édipo, aquilo que foi enunciado pelo pai, mediante o discurso da mãe, terá que ser mantido e cumprido. Agora, não é mais a mãe quem tem o falo, é o pai quem o tem, e ele pode dá-lo ou recusá-lo – ainda que sempre esteja dando provas de que o tem. “É por [o pai] intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 200). Desta forma, “o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 200). Por isso, da perspectiva da criança, o pai passa a ser onipotente.

#### **4. A Função Paterna**

O que é um pai? O pai é uma metáfora. Essa é a função do pai no Édipo: ser um significante que substitui outro significante, a saber, a mãe. Lacan, (1957-1958/1999, p. 180) ao afirmar que o pai é uma metáfora, nos apresenta um pai que não é nem objeto real, nem objeto ideal: o pai é simbólico.

A mãe, por sua vez, só pôde ser substituída, mas nunca completamente,

porque antes ela foi simbolizada pela criança. A medida em que a mãe alternava sua presença-ausência, a criança pôde simbolizar este movimento, ou seja, a ausência materna lançou o primeiro enigma para a criança e apontou para o fato de que existe algo que a mãe deseja para além da criança. Esse primeiro movimento resultou no primeiro enigma e permitiu que a lei fosse antecipada pela mãe. Essa antecipação se tornou o espaço que o pai virá a ocupar se tornando lei. Podemos afirmar, portanto que a função do pai consiste em introduzir o sujeito na lei do falo.

Essa substituição da mãe pelo pai ocorrerá sempre de modo fragmentado e incompleto pois a mãe, simbolizada a partir dessa dialética, permanecerá sempre neste movimento, de ir e vir, deslizando sempre, metonimicamente, e, conseqüentemente, sem nunca ser completamente substituída. “O objeto metonímico é fragmentado, se o objeto metonímico se quebra tão bem, é porque, como objeto metonímico, ele já não passa de um fragmento da realidade que representa” (Lacan, 1957-1958/1999, p.43).

O pai, como metáfora, funcionará como um ponto de basta, como um nó, que detém esse deslizamento metonímico da mãe de se tornar incessante e

enlouquecedor, possibilitando, assim, um efeito de sentido. Esse sentido permite ao sujeito advir. O que, para Lacan, foi nomeado como Nome-do-Pai, foi elaborado por Freud como Castração.

## 5. Estruturação do Sujeito: Neurose e Psicose

A descoberta da diferença anatômica inaugura o Édipo, a Castração e, conseqüentemente, as saídas estruturais do sujeito: neurose, psicose e perversão. A diferença fundamental está na resposta que se dá para as exigências da castração: o recalque (*Verdrängung*) para o neurótico, desmentido (*Verleugnung*) para o perverso e forclusão (*Verwerfung*) para o psicótico.

Segundo Freud, podemos diferenciar as três possibilidades de estruturas tomando a neurose como resultado de um conflito do recalque, a psicose como reconstrução de uma realidade alucinatória e a perversão como renegação da castração com uma fixação na sexualidade infantil.

Considerando apenas a neurose e a psicose podemos afirmar que enquanto a neurose se dá partir do mecanismo de recalque em que a castração é reconhecida mas repelida ou mantida no inconsciente representações (pensamentos, imagens e recordações) relacionadas às exigências da



pulsão, a psicose é o resultado de um não reconhecimento da castração, ou seja, uma forclusão desta.

A diferença do resultado da forclusão e do recalque pode ser percebido na relação do sujeito com a realidade. Lacan afirma que a realidade tem estrutura de ficção, construída simbolicamente e tomada pelo sujeito como realidade. Percebemos o mundo a partir do eu e, sendo o do neurótico, um eu narcisista, o sujeito ama a realidade aos moldes do seu amor por si mesmo, enquanto o psicótico ama seus delírios. “O delírio é o mundo reconstruído onde se projeta o eu do sujeito: os psicóticos, diz Freud, amam seus delírios como a si mesmos” (Quinet, 1997, p. 45).

Portanto, a realidade, na psicose, é substituída por delírios e alucinações, enquanto na neurose ela é apenas modelada pelo imaginário do sujeito. Essa diferença marca a certeza na psicose e a dúvida na neurose. O psicótico não duvida de seus delírios, pois estes substituíram a realidade e, por isso, não devem ser destruídos, pois possibilitam um mundo suportável para o sujeito. O neurótico, por sua vez, suporta que a realidade seja colocada em questão.

Na histeria e na neurose obsessiva permanece sempre uma noção da realidade; isso se explica pelo fato de

o contato com o mundo exterior permanecer ileso (...). Na paranóia, é do mundo exterior que esses mesmos complexos abordam a personalidade; por isso é que os pacientes são tão crédulos e inacessíveis, por isso tão profundamente dominados pelos complexos (Freud, 1908, carta 76F, citado por McGuire, 1993, p. 160).

Na paranóia o contato com o mundo exterior não permanece tão ileso quanto na neurose devido ao mecanismo de projeção, fazendo com que a paranóia seja uma espécie de defesa muito mais eficaz que a neurose frente a castração, devido, não só a modificação da realidade, mas ao modo como essa realidade é percebida. “O propósito da paranóia é rechaçar uma idéia que é incompatível com o eu, projetando seu conteúdo no mundo exterior” (Freud, 1895/1996, p. 256).

Uma vez que este conteúdo é rechaçado, o paranóico tampona o espaço deixado pelo conteúdo rechaçado reconstruindo, por meio de delírios e alucinações, o mundo, para poder viver nele mais uma vez.

A realidade neurótica, por sua vez, é estruturada por elementos simbólicos, constituídos culturalmente e tem, portanto, a estrutura de uma ficção, embora seja tomada regularmente como realidade pelo sujeito, mas pode ser questionada.

A relação das estruturas clínicas com o mundo externo, pode ser compreendida, também, a partir da relação destas com o aparelho psíquico. Assim, aplicando a segunda tópica freudiana, apresentada em seu artigo “O eu e o Isso”, podemos definir a neurose como “o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o eu e o mundo externo” (Freud, 1924b/1996, p. 167).

Este conflito entre o eu e o isso, que caracteriza a neurose, é o resultado do recalque. Graças ao mecanismo do recalque, as leis e restrições vindas do mundo externo são incorporadas por uma parte do eu, denominada supereu, que trabalha a serviço da realidade.

Na neurose, portanto, o eu entra em conflito com o isso, a serviço do supereu e da realidade, criando um conflito interno que caracteriza o indivíduo neurótico.

Na psicose, por sua vez, o mundo exterior, devido a uma frustração intolerável, não é percebido de modo algum ou sua percepção não produz efeito. Para suprimir essa lacuna, o eu cria um novo mundo externo e, conseqüentemente, um novo mundo interno. Para que isso seja possível, entra em cena o delírio, que funcionará como um remendo no lugar

onde originalmente havia uma fenda, uma cisão na relação do eu com o mundo externo.

Assim, enquanto na neurose o eu se mantém vinculado e dependente ao mundo externo, na psicose ele é arrancado desse mesmo mundo externo, ficando, portanto, ainda mais vulnerável a ele, como algo completamente externo ao eu. “O efeito patogênico depende de o eu, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o isso, ou ele se deixar derrotar pelo isso e, portanto, ser arrancado da realidade” (Freud, 1924a/1996, p. 217).

Todavia, a perda da realidade não é uma característica exclusiva da psicose, ocorrendo também, mas de um modo particular, na neurose. A perda da realidade na neurose ocorre como uma reação ao mecanismo do recalque e se configura mais como um afrouxamento da relação entre o eu e a realidade, do que como perda propriamente dita.

Tanto a neurose, quanto a psicose, são estruturas formadas a partir de processos análogos, divididos em duas etapas: numa primeira etapa, o eu é arrastado para longe da realidade para que, numa segunda etapa o eu tente reparar o dano causado, restabelecendo as relações do indivíduo com a realidade. Essa reparação ocorrerá a partir dos sintomas

psicossomáticos na neurose, e dos delírios e alucinações na psicose.

Todas essas modificações, tanto na neurose quanto na psicose, são a expressão de uma rebelião por parte do indivíduo contra o mundo externo, devido a sua incapacidade de se adaptar às exigências da realidade.

Esses conflitos entre o indivíduo e a realidade nos levam a conclusão de que, a diferença das estruturas não está no modo em que estas reparam a realidade, mas, antes disso, na reação que cada uma tem frente à realidade. Na neurose, um fragmento de realidade é evitado por uma espécie de fuga, enquanto que na psicose a realidade não é evitada, mas recusada: “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela, a psicose nega e busca substituí-la” (Freud, 1924b/1996, p. 218). Para que seja possível tamanha deformação da realidade externa a psicose exige, conseqüentemente, também uma radical modificação interna, quanto à percepção (alucinação) e quanto ao pensamento (delírio), para que o indivíduo possa se corresponder à nova realidade.

É importante ressaltar que esta segunda etapa, de reconstrução ou readaptação à realidade, é mal sucedida tanto na neurose quanto na psicose, pois a pulsão recalçada nunca encontrará um substituto completo.

Assim, no processo de estruturação, tanto da neurose, quanto da psicose, podemos destacar mais uma distinção entre as estruturas, agora em relação às suas etapas, pois, enquanto na psicose o fracasso da estrutura ocorre na primeira etapa, devido a recusa da realidade, na neurose o problema está no fracasso do recalque, no retorno do recalçado, que ocorre somente na segunda etapa.

De acordo com a relação entre a psicose e a realidade, podemos afirmar que a psicose é uma possibilidade de estruturação do indivíduo em que o inconsciente fica à superfície, se fazendo consciente, externo. “O sujeito psicótico é aquele que ignora a língua que ele próprio fala (Lacan 1955-1956/1988, p. 20).

### Referências

- Freud, S. (1895/1996). Estudos sobre a histeria. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924a/1996). *O Eu e o Isso*. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924b/1996). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Em: *Edição Standard*

- das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1931/1996). Sexualidade Feminina. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 231-253, vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/1996). Conferência XXXIII: Feminilidade. Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 113-134, vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1955-1956/1988), *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1956-1957/1995), *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1957-1958/1999), *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Mcguire, W. (1993), *A Correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Quinet, A. (1997), *Teoria e Clínica das Psicoses*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

**A autora:**

**Renata Wirthmann G. Ferreira** é Psicanalista e professora adjunta do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Mestrado e doutorado pelo Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília e pós-doutorado em teoria psicanalítica pela UFRJ. E-mail: rewgferreira@uol.com.br

**Recebido em:** 26/07/2016

**Aprovado em:** 23/12/2016